



M.<sup>lle</sup> M. Calvet de Magalhães Cardoso na interpretação do quadro de Greuze *A Innocência* — (Cliché Vasques).

N.º 29 Lisboa, 21 de Fevereiro de 1910  
ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLÓNIAS  
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:  
Anno, 4\$800 réis — Semestre, 2\$400 réis  
Trimestre, 1\$200 réis

*Ilustração*  
PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS  
Director artístico: FRANCISCO TEIXEIRA  
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA

Redacção, Administração e Oficinas de Compo-  
sição e Impressão *R. Formosa, 43*

# Coke inglez

Para cozinha O mais economico

R. CONCEIÇÃO, 17, 2.ª

TELEPHONE 1738



Meio seculo de successo

## ESTOMAGO

**Elixir do Dr Mialhe**

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente

**GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.**

A'onda em todas as Pharmacias de Portugal et de Br.  
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart, Paris

## Os Cinco Ultimos Perfumes

Rêve d'Ossian  
Convoitise  
Jardins d'Armide  
Cillet Louis XV  
Age d'Or

PERFUMARIA ORIZA

L. LEGRAND

11, Place de la Madeleine  
PARIS

14-15, Conduit Street, LONDON



NOUVEAU PARFUM  
**VIOLET**  
29, B<sup>d</sup> des Italiens, PARIS

**PRINCIA**



## A QUEBRADURA CURADA

Vem com este pedreiro está tapando a abertura d'essa parede?



Essa a forma como n'cura a quebradura. Prescrevem a abertura com material forte e mais forte.

Uma quebradura é simplesmente uma abertura n'uma parede—a parte do musculo que protege os intestinos e outros orgãos internos.

E' quasi tão facil curar uma ferida ou ruptura n'esse musculo, como n'um braço ou na mão.

Talvez essa ruptura não seja maior do que a cabeça d'um dedo.

Mas é sufficientemente grande para permitir que parte dos intestinos saiam por ella. E' evidente que a cura não se produz, sem que a natureza seja ajudada.

E é isso, precisamente, o que faz meu methodo. Permite conter a protuberancia dentro da parede e no seu proprio lugar.

Depois prescrevo o Lymphol para applicar sobre a abertura da quebradura. Este penetra através da parede até ás bordas da abertura e remove o anel calloso que se formou ao redor da ruptura.

Então começa o processo de cura. A natureza, já livre do obstaculo do anel calloso, e estimulado pela acção do Lymphol, fornece tambem lymphol a abertura é outra vez occupada com o novo musculo.

Não é isto simples? Não é rasavel? Tenho provado os seus methodos em milhares de casos. E prova-o a qualquer quebrado que me enviar seu nome.

Escreva-me quem quizer pelo correio e eu lhe enviarei pelo correio uma amostra gratuita de Lymphol e um livro esplendidamente illustrado acerca da Natureza e Cura da Quebradura. Não me mande dinheiro. Mande-me apenas o seu nome e endereço.

**Wm. S. RICE, R. S., Ltd.**  
(ESPECIALISTAS)  
(Depto, S. 346), 8 e 9, Stonecutter St.  
LONDRES, E. C., INGLATERRA

## Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Mananica e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispoño dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é provedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. Escripatorios e depositos:

### CAPITAL

Acções .....	360.000\$000
Obrigações .....	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação ...	266.400\$000
Réis .....	950.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Maria d'Hermio (Louzã), Valle Maior

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado**

Numero telephonic: **Lisboa, 605—Porto, 117**

Agente em Paris: Camille Lipman, 26, rue Vignon

## UM PROBLEMA DE ARTE O S.º ANDRÉ DE PONTA DELGADA

As nossas ilhas, tão justamente celebradas pelas suas admiráveis bellezas naturaes, não possuem riquezas artisticas dignas de merecer o interesse dos visitantes. Em S. Miguel, que é a terra mais importante do archipelago, não existem, por exemplo, como manifestações apreciáveis da pintura antiga, senão um retabulo grande do martyrio de Santo André, na igreja do mesmo santo em Ponta Delgada, e tres pequenas taboas representando tambem Santo André, Santa Barbara e Santa Catharina, na humilde e antiquissima ermida ainda da invocação d'aquel-



- 1—A igreja de Santo André, em Ponta Delgada, onde existe a famosa tela attribuida a Murillo.  
2—A tela de Santo André

le santo, na villa da Ribeira Grande. Estas pinturas, que não teem assignaturas ou siglas, nem datas, são, porém, revelações de bons artistas, e por isso despertaram-me o desejo de saber qualquer coisa a seu respeito, naturalmente aguçado pelo conhecimento da grande falta de dinheiro que aqui houve durante seculos, do isolamento em que viveram os nossos antepassados, dedicando-se quasi exclusivamente aos rudes trabalhos da terra e com uma cultura intellectual limitadissima, n'esta pequena ilha, situada a setecentas milhas de Portugal, com o qual todas as communicações eram, então, não só morosas como difíceis e perigosas.

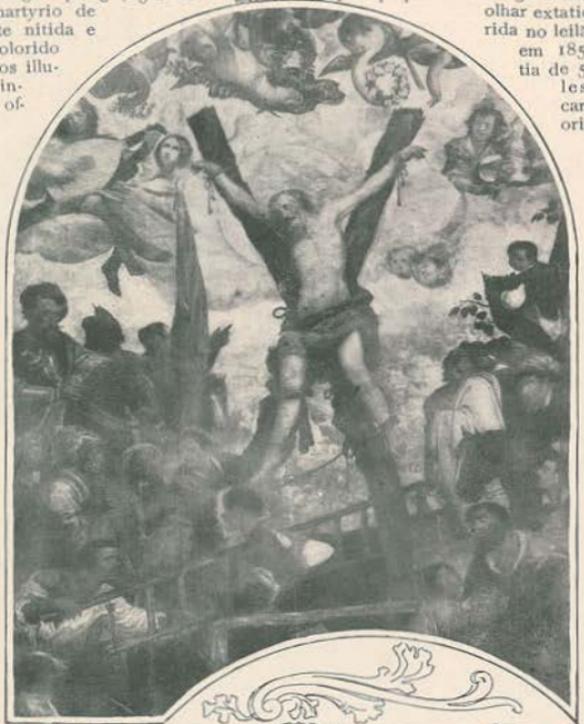
Comecei, pois, a minha tarefa por indagar o que se saberia a respeito da tela do martyrio de Santo André, e ouvi sempre, sem qualquer hesitação, indicar Murillo como o seu auctor. De Murillo me falára já um meu professor, e era ainda a Murillo que se referia o nosso illustre conterraneo dr. Ernesto do Canto, em um artigo sobre o velho

mosteiro de claristas: «Na capella mór ha um magnifico re-



tabulo representando Santo André na cruz, que se attribue ao pincel de Murillo.» Assim, é ao brilhante pintor sevillhano que a tradição local diz pertencer o quadro, mas sem razão, como estas linhas espero que demonstrarão.

O quadro, collocado no altar-mór da egreja, e medindo 2<sup>m</sup>.15 de largura por 3<sup>m</sup>.15 de altura, representa o martyrio de uma maneira bastante nitida e real. Com o seu colorido muito vivo nos pontos illuminados e no resto intensamente carregado, offerece um claro-escuro violento, tendo um tom de luz tal, que deixa a impressão de, sendo de noite, haver um sol luminoso do alto do lado esquerdo, pondo tons de vermelho ardente nas carnações que destacam bem do fundo negro. O martyr, sorridente, cheio de confiança e de superior resignação, as physiognomias expressivas e as attitudes grosseiramente cruéis dos algozes e soldados, as roupagens bem panejadas, as proporções justas, o desenho exacto e o colorido bastante forte, eis o que n'este bello retabulo nos fere logo a vista e mais nos impressiona. Vê-se que elle pertence a um genero de pintura de aspectos theatraes, tendente a commover e despertar a commiserção, tão protegido e explorado pelos jesuitas no seu trabalho de luta contra a revolução de Luthero, e faz-me lembrar um pouco Rubens em alguns pontos de maior luz onde se encontra espalhado com profusão o vermelho quente tão abundantemente usado pelo grande flamengo, o auctor das vinte e quatro prodigiosas telas da galeria dos Medicis existentes no Museu do Louvre. Depois de ali os termos admirado, saindo d'aquella deslumbrante sala com os olhos repletos de luz e vida, trazendo na retina a visão das carnes rosadas dos corpos musculosos, de uma fidelidade assombrosa, que parecem viver, entramos na chamada grande gale-



O martyrio de de Roclas, (Escola de

Santo André Sevilha, 1560-1625)

ria, onde se encontram a escola hollandeza, parte da italiana e a hespanhola, passando assim de Rubens a Rembrandt, de Rembrandt a Guido Renni e outros da decadencia italiana, até chegarmos aos hespanhoes, entre os quaes se destacam dois Murillos, qual d'elles o mais admiravel — um pequeno mendigo e uma das suas virgens de olhar extatico e tranquillo, adquirem no leilão do marechal Soult, em 1852, pela famosa quantia de 586:000 francos. N'elles estão reunidas as características do seu original estylo, mistico e sentimental no segundo e realista no primeiro, dando-nos a idéa de terem os quadros d'este pintor coloridos suaves, a luz de uma transparencia dourada e as figuras de desenho simples. Essas duas telas deixaram-me, a mim, a impressão de uma pureza immaculada uma e a outra a de uma miseria nauseabunda.

O colorido, o desenho, a distribuição e incidencia da luz, as carnações, tudo, enfim, no retabulo da egreja de Santo André me parece em absoluto diferente do modo de trabalhar de Murillo, e esta convicção firmou-se definitivamente no meu espirito ao lêr algumas criticas á sua obra, entre as quaes a do professor Salomon Reinach, que, de pois de se referir ao desenho fraco do pintor hespanhol, acrescenta, falando do seu colorido: «Mais c'est un maitre de la couleur vapoureuse, tantôt argentée, tantôt dorée, toujours suave et caressante. Cette couleur n'est pas seulement répandue sur ses figures, mais autour d'elles; c'est comme un nimbe dont elles émergent et dont l'éclat les embellit encore.» O quadro de Santo André, sem duvida a revelação de um artista de valor, escapa, a meu vêr, flagrantemente a todas estas características, tanto no que respeita ao desenho e colorido, como á luz, que, longe de ser vaporosa, incide bruscamente sobre o corpo do



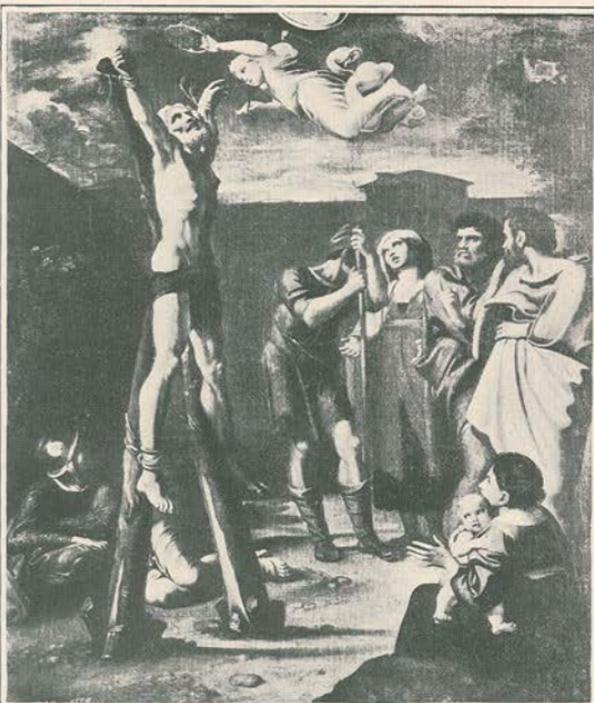


O martyrio de Santo André apostolo (quadro de Murillo pertencente ás collecções do Prado)

martyr e algumas figuras em volta, aspera, avermelhada, desegualmente lançada, afastando se muito do doce e pacífico feitiço de Murillo.

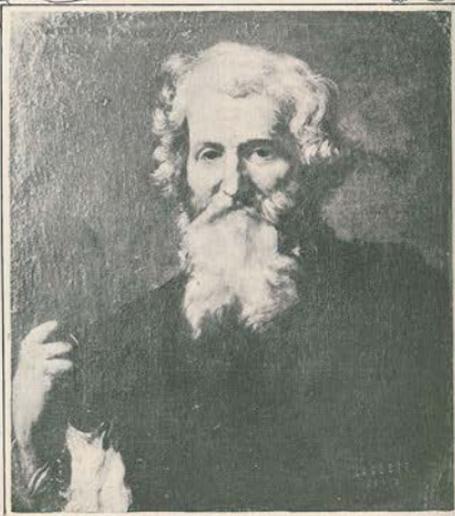
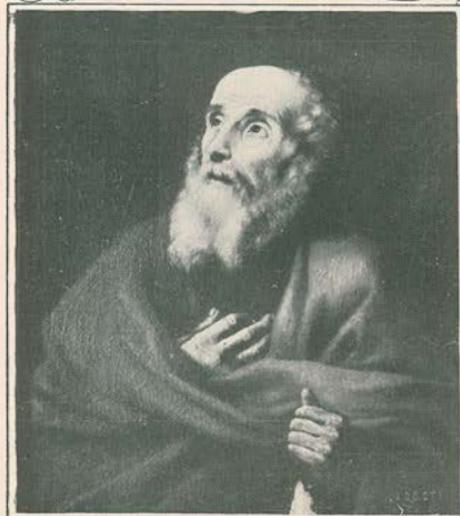
O principal argumento para justificar a minha negativa tiro-o, pois, da grande diversidade dos estylós que resalta do confronto e dos documentos do convento, que se conservam na repartição de fazenda de Ponta Delgada, e em que se me deparou uma visita do vigario geral Simão Carceres, feita á igreja em 1587, referencia ao *fermoso retabolo* de Santo André.

Ora, Murillo ainda não tinha nascido n'es-



te anno, e, consequentemente, não pode ser o seu auctor. Este julgo dever ter sido um pintor seu compatriota do seculo XVI do periodo de transição da escola hespanhola, caracterisado pela reprodução de mendigos, animaes e outros assumptos de puro naturalismo. Baseio a minha supposição não só em alguns detalhes de quadro, como tambem na epoca da sua aquisição, que deve ter sido nos primeiros 7 annos do dominio hespanhol, uma vez que o convento só se concluiu em 1580.

(Ponta Delgada)  
LUIZ BERNARDO LEITE ATHAYDE



1—O supplicio de Santo André, Escola bolonheza (Muzen do Prado)  
2 e 3—Os dois apostolos Santo André, de Ribera.

# O PORTO PROSPERO DE UMA CIDADE QUE SE EXTINGUE.

A impressão empolgante, que suggestiona todo o ser do viajante, que não viaja por mero divertimento, mas sim no cumprimento de um dever ou necessidade, é a de chegar breve ao seu destino. E então se para certos estados d'alma, se para os nevroticos, se allia o enjôo do mar e as terríveis prostrações que elle causa, então o desejo de chegar breve é um desejo intimo, é um anhelô supremo, que só pode bem apreciar, quem, n'aquelle estado, faz uma tirada de um mez aos tombos no alto mar.

Assim, foi para bastantes pessoas uma grande alegria, quando o telephone da ponte do commando do paquete em que iamos deu o signal á casa das machinas para se abrandar o andamento, a fim de entrar o piloto que nos havia de conduzir ao porto tão invejado e cubiçado de Lourenço Marques, ou, como mundial-



enormes, quaes gigantes de Vulcano, ali trabalham sem cessar, arrancando do ventre dos navios toda a especie differente da actividade humana, que ali é representada por heterogêneos artigos.

N'uma doce camaradagem de momento, affagam-se, beijando-se, dentro do ferreo estropo, as mercadorias com a divisa *made in England* ou *made in German*, que mais tarde, nos prosperos mercados do Transvaal, se guerrearão n'uma medonha luta de interesses commerciaes.

No plano da ponte aqui, acolá, por toda a parte, montanhas de ferro de diferentes feitios, amontoam-se como corcovas; latas de tinta formam um pantano autochromo; ao passo que toneladas de carvão de pedra se elevam em negras collinas de treva. Milhares de negros e negras, sujos e mal cheirosos, ent'ando canticos indigenas, acompanhados de brancos de alma negra, que os vigiam e incitam ao trabalho, levam para enormes armazens de zinco e ferro toneiadas



mente antes é conhecido, de Delagoa Bay.

Um silvo agudo do vapor chama-nos á realidade, e, acordados d'aquelle torpor daviagem, immediatamente a nossa attenção é atrahida para a formosa bahia e esplendido porto, onde a bravura do mar e a impetuosidade do vento quasi não tem effeito.

Entre todos estes aspectos, com que a vista se vem deliciando, o que mais impressiona, pelo imprevisito do pittoresco, é a impressão singular da vista do caes acostavel, onde se vêem atracados sete enormes transatlanticos e não sei quantos navios de vela. Alguns dos vapores são de oito a nove mil toneladas.

O espectáculo que a ponte, caes offerece, visto da amurada do navio, é surprehendente.

Nove guindastes



1—Um trecho da linha errea na ponte-caes Gorjão.  
2—Secretaria do governo geral. 3—Uma loja de modas.



jardins com creanças a brincar, emfim uma terra rica e feliz. A conclusão da ponte, começada em 1902, trouxe para Lourenço Marques, um aumento consideravel de trafico marítimo, sendo desnecessario mencionar, em detalhe, o grande melhoramento que esta obra representa. Em breve o porto de Lourenço Marques, onde é frequente estarem dezeseis e mais navios de longo curso em descarga, será reputado pelas suas facilidades e naturais condições o primeiro porto da Africa do Sul ainda que isto pese aos nossos bons e amaveis vizinhos. Mas a terra?

O typo physionomico da cidade, sem estylo artistico, na sua banalidade, é caracteristica de cidade velha a modernisar-se, apesar do

de carga que não podem ficar exposta á intemperie, apparecendo e desaparecendo a espaços, como cousas phantasticas.

Outros ainda carregam ou descarregam os wagons, que, puxados por grandes locomotivas, tudo ameaçam abysmar n'uma atropellada lugubre.

Subitamente, lá em baixo, no ultimo plano, muito alinhados como soldados inglezes, eu diviso — oh minha querida Patria — a tua unica verdadeiramente grande exposição commercial, os classicos barris de vinho colonial!

E detenho-me bruscamente, no espanto d'este quadro tão nacional. O vinho para embriagar... para esquecer!... Refeito d'este imprevisto detalhe, penso, curioso, que riquissima cidade commercial, que tem uma tão forte columna vertebral, não será esta, para onde, em breve, vamos descer.

A esse porto tão rico, tão movimentado, onde se erguem alterosas nas pôpas dos navios tantas bandeiras diferentes, deve certamente corresponder uma cidade moderna, multidão atarefada em multiplices negocios, gares espaçosas d'onde saíam repetidos comboios, lojas abarrotadas de fazendas para consumo local, prados e

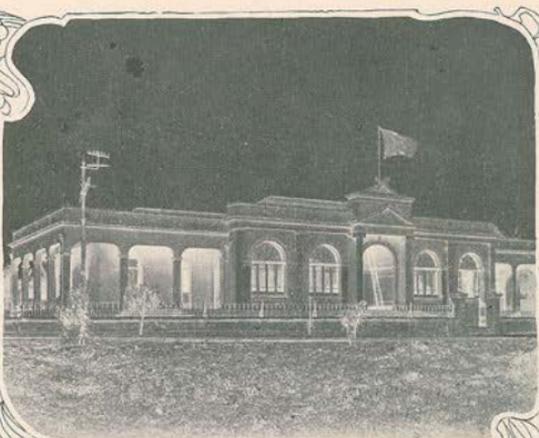


1—Um trecho do caes de Lourenço Marques. 2—A avenida Aguiar.  
3—A cidade baixa vista do Sul.

seu actual aspecto nenhuma epoca evocar, é relativamente alegre e bonito á vista.

A' hora em que desembarcamos, 2 horas da tarde, a cidade, em vivo contraste com o caes acostavel, offerece um silencio mysterioso, não direi de erma necropole, mas de uma cidade sob o influxo morbifico de algum astral de influencia malefica. A ponte caes e a cidade parecem dois corpos carregados de electricidade, que se repellem. Ao passo que na ponte tudo é actividade, movimento e barulho, a cidade apresenta nas suas duas ruas principaes e na sua melhor praça publica um silencio estranho, sem transeuntes, sem movimento commercial nas suas lojas babylonicas.

A'quella hora só pas-



sam, estugando o passo, alguns funcionarios retardatarios, que a ameaça de uma falta no ponto faz dar largas passadas sob um sol abrazador. Carros electricos passam e re-passam sem viva alma dentro, emquanto os gartotos, por suprema ironia, perguntam ao condutor se ha logar no carro!

Na praça, os cocheiros e *chauffeurs* bocejam como gatos ao sol.

Nas lojas desertas, *mouhées* de cabaia branca, hirtos como espectros em cemiterio, encostam-se ao balcão. Nas grandes lojas inglezas, que vendem modas, nota-se um pequeno movimento. Nas avenidas largas e espacosas, nas ruas estreitas do commercio e ainda perto da praça, grandes predios de aspecto quasi imponente estão vazios por falta de alugadores. carregando com o seu aspecto deserto, ainda mais, a nota espectral e o amortalhado silencio em que vive a cidade! Com curiosidade, pergunto a que estranha metempsychose se deve esta mudança de Lourenço Marques, desde a ultima vez que visitei a cidade.

E o meu interlocutor, n'um sorriso de desalento, diz-me que attribue este accidente a variadissimas causas. E disse-me depois n'um lar-



1—O quartel general. 2—O observatorio. 3—A Camara Municipal de Lourenço Marques



go enumerado, talvez recheado de theorias, que a verdadeira, a primordial causa ainda se não conhece. Estes problemas economicos são por vezes tão difficeis de trazer, como é difficil traduzir a quem não seja latinista consummado um trecho de Cornelius Nepos. Hypotheses?

O que é facto é que ellas são no emtanto corroboradas com factos tão tristemente concludentes, que nenhum economista as revogou, apesar da bellissima e honesta administração do actual governador geral.

Resumiremos aqui as nossas considerações.

A lucta que, nas actuaes condições financeiras, enche a vida inteira do negociante, os choques por falta de pagamento dos seus creditos a que se vê condemnado, os reveses commerciaes a que se expõe, as feridas que

recebe, os esforços em que se fatiga, tudo isto constitue um destino objectivamente bem pouco invejavel para o negociante em Lourenço Marques.

Ao passo que, na ponte-aes, 624 navios annualmente despejam milhares de toneladas de carga em transitio, o commercio e a cidade estiolam-se por falta de luz vivificante da expansão commercial a que tinha direito, como um dos portos, quiçá o mais central e facil de toda a Africa do Sul. Entre a ponte e a cidade ha um denso vidrino, que a todo o transe é preciso quebrar.

Que este eclipse negro, phantasmagorico, que envolve a cidade, seja roto pelo sol benefico e favoravel que irradia brilhante das aguas da formosa bahia . . . .

CARLOS SHIRLEY OLIVEIRA.



1.—Rio do Espirito Santo: Ponta Vermelha. 2.—A avenida da Rainha.

# O BRASIL GRANDE POTENCIA NAVAL



## O NOVO COURAÇADO "MINAS GERAES"

O Brazil torna-se uma grande potencia naval. Na America occupará dentro em pouco o primeiro lugar, não só pelos seus couraçados, um dos quaes já construído, o *Minas Geraes*, é o unico navio do mundo capaz de expellir cinco mil kilos de balas pelas suas doze peças de lado, mas também porque dentro em pouco uma verdadeira esquadra de *destroyers* modernissimos, feita pela casa *Yarrow* e armada pelos *Armstrong*, os grandes constructores da mais poderosa artilharia naval, fluctuará nos mares com o pavilhão brasileiro.

Em 5 de janeiro ultimo, com grande solemnidade,

foi entregue o *Minas Geraes* á commissão de officiaes brasileiros, composta pelos almirantes *Pronça* e *Bacellar*, pelos engenheiros *B. da Silva* e *R. d'Almeida* e pelo addido naval *Gomes Pereira*. Içava-se a bandeira da republica do Brazil; os vinte e quatro canhões de 30 centímetros, doze collocados em cada torre, salvavam, com o resto da artilharia do couraçado, que é de vinte e quatro peças de dez centímetros e quarenta e sete millímetros, e o navio, tomado celebre em todo o mundo antes ainda da experiencia, annunciava pela voz forte da sua polvora que ia começar um grande



1—O couraçado *Minas Geraes* da marinha brasileira acabado de construir nos estaleiros *Armstrong*.

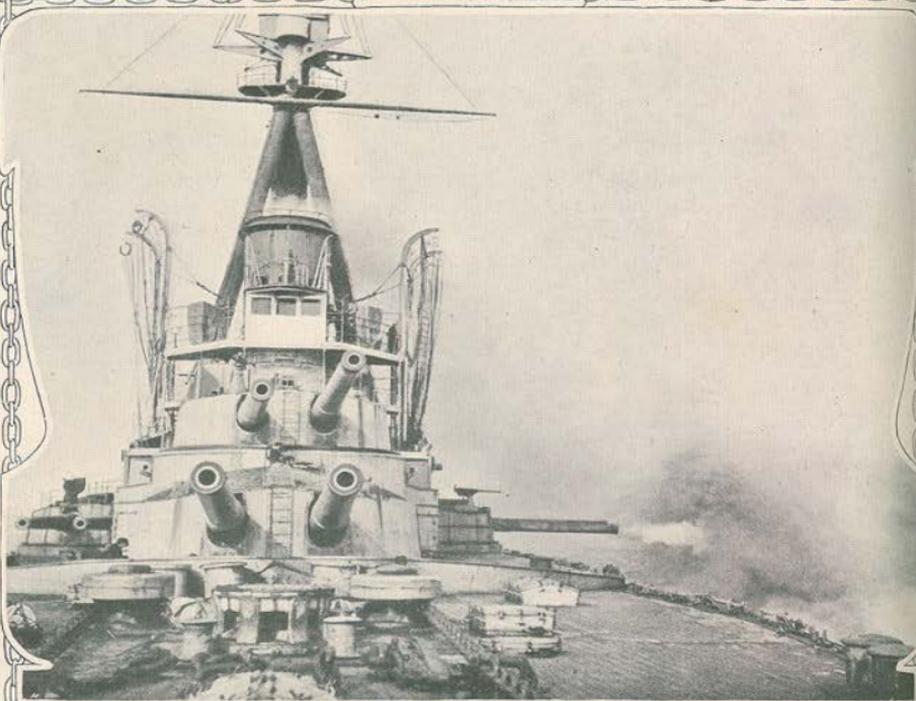
4 A proa do *Minas Geraes*—(Phot. tirada da torre de commando)

domínio nos mares. Os engenheiros Armstrong Wilevorth, de New-Castle, tinham cumprido brilhantemente o seu contracto. O monstro poderoso de aço com os seus quinhentos e quarenta e tres pés de comprimento e oitenta e tres de largura, movido por machinas de quatro cylindros de triplice expansão, com dezoito caldeiras do typo Rabcock e Wilcox, causava a admiração de todos, obrigava as nações a pensarem n'essa larga iniciativa que o Brazil



serviço nautico e de guerra, mas tambem a do conforto. As salas, os camarotes, a camara, as casas de jantar e os salões são verdadeiras maravilhas contidas no ventre d'aquelle monstro, que vomita balas com uma rapidez incrível e guarda no seu seio maravilhas de luxo.

As couraças que protegem tudo isto são formidaveis, construidas propositamente nas officinas Armstrong tendo doze pollegadas de espessura nas suas tor-



1—Os canhões das torres fazendo fogo  
2—Uma das torres de combate do Minas Geraes

tomava mandando construir aquelle barco sem igual e encomendando desde logo, com os doze *destroyers*, um novo couraçado do mesmo typo, que a casa Wickers vae construir e se chamará *São Paulo*.

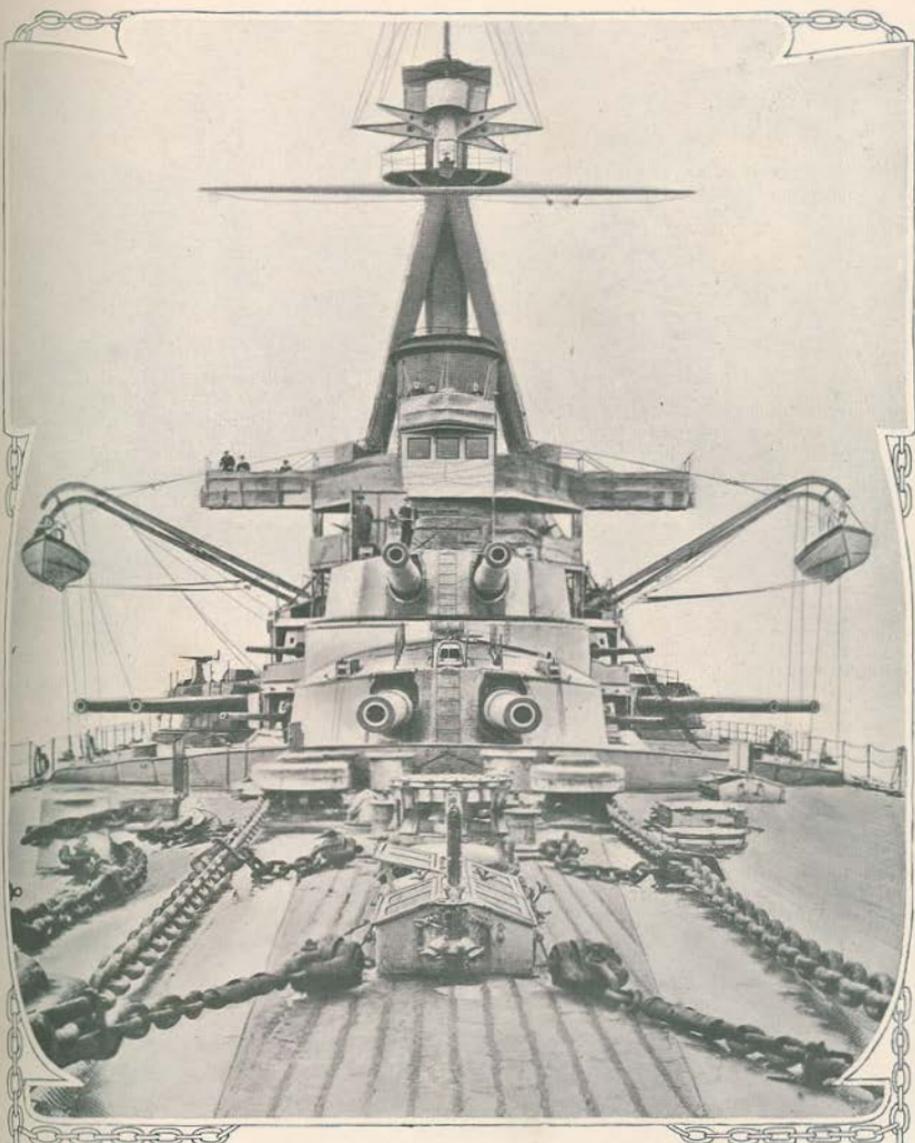
O engenheiro Perret, constructor naval da casa Armstrong, foi quem desenhou o *Minas Geraes*, lhe deu a sua bella disposição, não só para o



3—A ré do Minas Geraes

res de combate; as cintas teem á pôpa quatro pollegadas, nas torres seis, ao meio nove, na pòca quatro. Antes de collocadas essas couraças foram experimentadas pela artilharia e deram provas d'uma resistencia extraordinaria.

E no interior d'esta couraça forte movem-se os elevadores hydraulicos e electricos que conduzem ás cobertas do

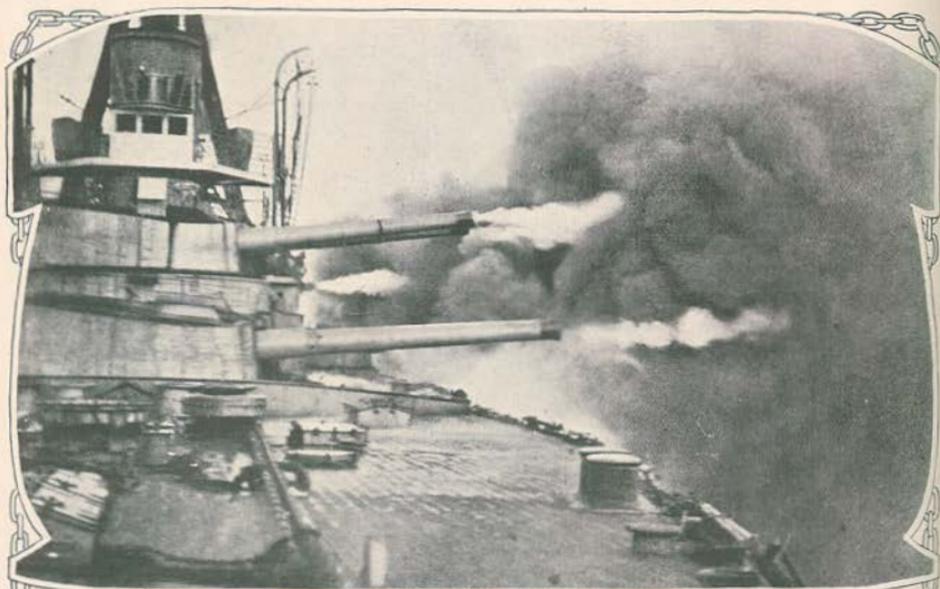


*Uma fortaleza flutuante*  
A grande bateria couraçada do Minas Geraes

couraçado, estendem-se as salas lindamente ornamentadas, expõe-se em todo o brilho do seu aço a fortíssima artilharia e lá no fundo as máquinas soberbas, luzidas, as caldeiras, as arcações, tudo n'uma extranha nota de modernismo. Viajar n'esse grande e soberbo barco de guerra da republica brasileira deve ser uma delicia, porque ao mesmo

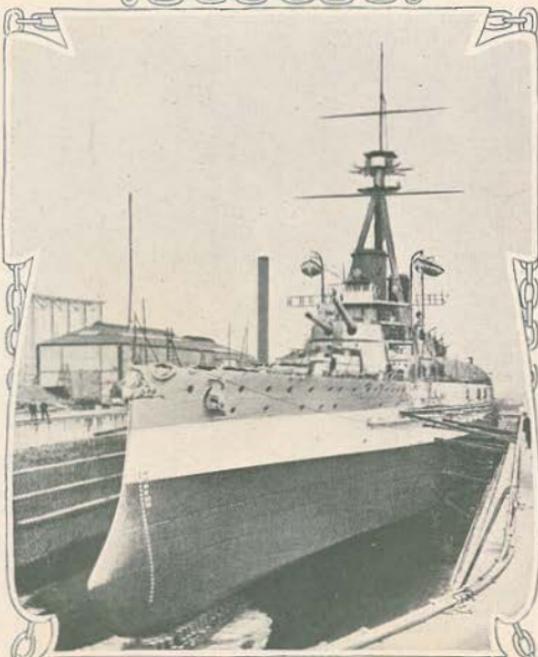
tempo que se sabe qual o seu grande poder combativo, quaes os seus poderosos elementos de ataque, gosa-se de todas as commodidades da existencia, como se estivessemos n'um riquissimo palacio flutuante, a deslocar dezenove mil e duzentas toneladas, com a velocidade de vinte e uma milhas.

Os grandes ventiladores movidos



a vapor renovam constantemente o ar na casa das machinas, ventoinhas electricas refazem-no nas salas; as pontes elevam-se orgulhosas, as torres artilhadas são imponentes e quando, como no dia da entrega do *Minas Geraes* á commissão de officiaes brasileiros, ellas salvam e uma larga nuvem de fumo envolve o couraçado tem-se a grande impressão do que vale esse soberbo barco que o Brazil mandou construir.

A primeira viagem do *Minas Geraes* estava para ser a Lisboa, mas vae antes a Washington buscar o cadaver d'un dos mais illustres filhos do Brazil, Joaquim Nabuco, que ali falleceu sendo embaixador da sua patria junto á republica norte-americana.



O *Minas Geraes* chegou a Ponta Delgada, vindo de Plymouth, com a sua guarnição de 720 praças, em 15 de fevereiro, seguindo para Norfolk.

E assim esse grande couraçado, que affirma o poder naval do Brazil, conduzindo o corpo do homem que foi uma das mais legitimas glorias brasileiras, levando nos seus flancos d'aço o cadaver a que a patria vae prestar homenagem, inicia a sua carreira mostrando a gratidão da grande republica por aquelles que devotadamente a servem e que, tendo-a tornado n'un soberbo paiz commercial, a transformam dia a dia n'uma grande potencia naval, mercê de muitos esforços e de entranhado amor pela patria.

1—Um exercicio de fogo com os grandes canhões do *Minas Geraes*  
2—O *Minas Geraes* na doca de Newcastle-Tyne.

# "A FEIRA DO DIABO"

Uma obra de Eduardo Schwalbach constitui sempre na escassa litteratura dramatica nacional um acontecimento digno de especial registro.

O grande comediographo portuguez attingiu na sua carreira essa hierarchia, cada vez mais difficil de conquistar, que concede honras indisputadas de consagração, e que raros homens de letras conseguem alcançar em Portugal.

Nada do que a sua penna escreve pode passar indifferente perante as unanimes admirações do publico. E que a sua penna illustre e prestigiosa nunca se banalisa, acaba mais uma vez de demonstrar-o a sua satyra *A Feira do Diabo*, representada no theatro D. Amelia e escripta em 48 horas para as recitas de entrudo.

Digamo-lo sem reticencias: essa satyra, de tao



DE EDUARDO SCHWALBACH  
NO THEATRO D. AMELIA

amarga ironia, é uma obra prima. Alguem lhe chamou um auto moderno, certamente para lhe qualificar de modo synthetico a technica modelar, a philosophia profunda e a classica clareza.

Aos seus leitores offerece hoje esta revista dois dos trechos mais notaveis da obra admiravel do grande escriptor: o prologo recitado pela actriz Palmyra Bastos e parte da scena magistral do 1.º quadro, que bastaria para fazer a reputação de um ironista.

Tudo quanto accrescentassemos á sua publicação seria superfluo.

## A FEIRA DO DIABO PROLOGO

MEPHISTOPHELES, *sahindo ao proscenio*:— Minhas senhoras e meus senhores... Não se assustem que não venho fazer uma confidencia! Traz me cá fora



1—Eduardo Schwalbach (*Chêchê VASQUES*)  
2—*Verdades e mentiras*—Scena do 3.º quadro (*Chêchê de RENOLIEL*)

apenas o proposito de uma rapida explicação. Intitula-se *A Feira do Diabo* a peça que se vae representar, mas não esperem vêr uma feira com o seu scenario proprio. Não. A minha feira abrange todo o mundo: quasi cada casa, cada barraca; quasi cada individuo, cada feirante... (*percorrendo a sala com o olhar*). E' este, é aquelle, e aquelle e este... Com quasi todos faço negocio; a uns compro, a outros vendo e ainda a outros compro e vendo; tudo dependê do momento psychologico.

Chamou-lhe o auctor uma satyra, porque não tendo de revista senão a critica e fallecendo-lhe para auto a fôrma classica, entendeu que ficava bem no lugar onde o pôz. Esboça-se talvez um tudo nada carrancuda mas logo entra a rir, porque para rir foi feita. Por ultimo: não julgue pessoa alguma, ao vêr esta ou aquella personagem que é comsigo; não, é sempre com o visinho de lado. N'este ponto o auctor foi d'uma correcção extrema. E agora disponham-se a gostar: se o conseguirem muito bem; se lhes desagradar, é baterem com os tacões e com as bengalas. Onde se fazem, onde se pagam!

1.º QUADRO  
O DESEQUILIBRIO

(*Scena dividida ao meio por uma cortina, que do lado direito é de velludo ou seda e da esquerda é de chita velha. D'este lado, um catre, uma bilha com agua sobre um mocho; do lado direito, antithese d'aquelle, quarto luxuoso, com luz*)



1—O actor Chaby no *Orçamento de Despesa*  
2—A actriz Angela Pinto na *Manola da Feira do Diabo*  
(Clichés VASQUES)



electrica. Ao fundo do quarto da E lê-se: Orçamento da receita; ao fundo do quarto da D: Orçamento da despeza.)

#### PERSONAGENS

MEPHISTOPHELES..... Palmyra Bastos  
ORÇAMENTO DA RECEITA.. José Ricardo  
ORÇAMENTO DA DESPEZA. Chaby Pinheiro

#### SCENA I

MEPHISTOPHELES E ORÇAMENTO DA RECEITA

Quando sobe o panno é noite. Orçamento da Receita, deitado sobre o catre, tem ligeiros estremecimentos, o seu dormir é desaso cegado. O quarto da E é illuminado apenas pelo luar que entra pela janelita; o da D é illuminado a luz electrica. Surge Mephistopheles, olha para o Orçamento da Receita, depois olha para o quarto da D e solta uma gargalhada.

MEPHISTOPHELES — Sempre as-



sim! Quasi manhã: O desgraçado Orçamento da Receita dorme em sobresalto; nem o somno lhe dá descanso; sonha com as suas luctas, com o que soffre e faz soffrer; o orçamento da despeza ainda não veio para casa: gasta e diverte-se (*gargalhada*). Quando Deus expulsou Adão do Paraíso, creou logo, com o trabalho, o Orçamento da Receita, mas esqueceu-se de que ao lado de Adão estava Eva e logo tambem eu criei o Orçamento da Despeza. Ella por ella! (*gargalhada e cantarola*). Do desequilibrio entre a receita e a despeza nasce a perda do Estado, da familia e do individuo. Produz se uma bancarrota? E' uma nação que vae para o inferno! Saltam uns miolos! E' uma alma que para o inferno vae? Augmentam os meus dominios e os meus vassallos (*olhando para o ORÇAMENTO DA RECEITA*). Tu canças-te a tra-



1—O meu amigo—Scena do 1.º quadro  
2—Chaby no Confessor (Chiché VASQUES)  
3—O Cake Walk do 1.º quadro (Chiché de RENOLIEL)



balhar (olhando para o quarto da D). Aquelle arruina-te. E' o meu homem! Honra, caracter, felicidade, tudo elle destroe para alimento do meu espirito! (*ouve-se o bater das quatro horas*).

ORÇAMENTO DA RECEITA (*acordando em sobresalto*). Já quatro horas e eu ainda deitado! (*vae enfiando apressadamente um fato muito coçado*). Com certeza meu irmão ainda não veio... Cabeça louca! (*corre um pouco a cortina de separação e vê que o ORÇAMENTO DA DESPEZA não está no outro quarto*).

Mais uma noite de orgia! Quanto me terá ella custado? Para elle, só para elle, trabalho dia e noite e nada lhe chega, tudo devora! Quantas lagrimas faço chorar para que se lhe esboce um sorriso! Quanta miseria opprimo para que tenha um momento de gozo. (*Tem acabado de se vestir*).

MEPHISTOPHELES (*balendo-lhe no hombro* — Saudinha, Orçamento da Receita!

ORÇAMENTO DA RECEITA (*voltando-se e vendo Mephistophelès illuminado pela luz electrica*) — Oh! Maldito, que não te esqueces de vir todas as madrugadas lançar mau agouro sobre o meu trabalho! E's tu quem perde o meu irmão.

MEPHISTOPHELES — Idiota! De que serviria a receita sem a despeza? Era um sol a illuminar um deserto.

ORÇAMENTO DA RECEITA — Cruzes! MEPHISTOPHELES — Já não me assustam. Foi tempo! Até as retiraram do dinheiro porque o não poupavam.

ORÇAMENTO DA RECEITA — Inimigo de Deus! MEPHISTOPHELES — Inimigo?! Dissidente. Limitei-me a pôr uma canalisação ao lado da sua.

ORÇAMENTO DA RECEITA — Sem ti a humanidade seria feliz!

MEPHISTOPHELES — Semsaborona. O peccado é para as almas o que os acepipes são para o esto-

mago: estragam-no mas sabem bem. Sem o vicio definhavam as industrias, o commercio ia por agua abaixo e nem se salvava a agricultura (*levantando os dedos á cabeça*) á falta de bois! (*ri*).

ORÇAMENTO DA RECEITA — Onde lobrigó um real, onde o empolgo!

MEPHISTOPHELES — Cumpres o teu destino! Mettes dinheiro na bolsa!

ORÇAMENTO DA RECEITA — Forço ao trabalho velhos alquebrados e creanças rachiticas, roubolhes o sangue e abro-lhes a sepultura.

MEPHISTOPHELES — Vingas o peccado original.

ORÇAMENTO DA RECEITA — Vivo como um miseravel, sinto como um avaro. Não se acolta a piedade em meu coração; da minha alma expulsei a consciencia.

MEPHISTOPHELES — A consciencia é um ventre e o coração é um musculo, já o disse o Junqueiro: a alma não precisa de ventre, n'um musculo não ha sentimento.

ORÇAMENTO DA RECEITA — Atrasto commigo a legião dos que trabalham: ao seio da terra, ao fundo do mar, ás officinas, ás fabricas, aos escriptorios, aos gabinetes de estudo, á labuta diaria, vou buscar o dinheiro para o sustento da vida!

MEPHISTOPHELES — Alguem ha de produzir.

ORÇAMENTO DA RECEITA — Vou á miseria e penhor-a: ás vezes uma cama e duas cadeiras.

MEPHISTOPHELES — Multos poucos fazem muitos.

ORÇAMENTO DA RECEITA — Por minha ordem mulhières e homens, golphando sangue e estorcendo-se, ganham, n'um esforço extremo mais um vintem e morrem!

MEPHISTOPHELES — A vida é um mal. Não fui eu que acriciei.



1—A actriz Palmyra Bastos no Mephistophelès (Cliché VASQUES)  
2—O actor José Ricardo no Orçamento da Receita  
3—A actriz Emilia d'Oliveira na D. Consciencia (Cliché VASQUES)



**A FILHA DE NIOBE**—Em junho de 1906 foi descoberta em Roma no local dos jardins do historiador Salustio uma estatua antiga representando uma filha de Niobe, que estava no fundo d'uma galeria, a onze metros de profundidade. Esta estatua, por todos os motivos preciosa, foi guardada no Banco Commercial, ao qual pertence o terreno onde foi encontrada, mas tendo sido requisitada pela séde do banco, que é em Milão, a fim de embellezar o palácio que ali está construindo, teve de lhe ser enviada, apesar dos protestos do operario que a encontrou e do maire romano sr. Nathan. Este foi recebido em Milão com apupos e bolas de neve, mas a justiça foi a seu favor e ordenou que lhe fosse restituída a estatua. Apesar de tudo, ella está ainda na séde do Banco Commercial, que continua tenazmente o processo, já tornado celebre e que mais valorisa a estatua de Niobe, cuja photographia publicamos.

(Cliché de CHARLES ABBENIACAR)

**JAYME DE SEGUIER.**—O illustre homem de letras, auctor dos *Allegros e adagios* e da *Feira de Paris*, jornalista brilhante e espirituoso chronista, dirigiu com uma grande proficiencia a publicação do *Diccionario Pratico Illustrado*. O volume, que acaba de ser posto á venda, constitue um trabalho verdadeiramente notavel, não só pela sua perfeição litteraria, mas ainda pela sua parte material, que é soberba.



**CONDE DE TATTENBACH.**—Falleceu em Madrid, em 10 de fevereiro, o sr. conde de Tattenbach, embaixador da Alemanha n'aquella cidade e que durante muito tempo foi ministro do seu paiz em Portugal, onde conquistou muitas amizades e sympathias. O illustre diplomata esteve em Tanger, apos a visita de Guilherme II a Lisboa, regressando d'ali ao nosso paiz, de onde foi nomeado para o cargo que brilhantemente desempenhou na nação vizinha.

(Cliché de BENOLIEL)



# A INUNDAÇÃO DE PARIS



Os campos Elyseos invadidos pelas aguas do Sena.

(Cliché da WORLD'S GRAPHIC PRESS)

A PRINCESA DOS DOLLARS  
NO THEATRO AVENIDA.



A actriz Cremilda d'Oliveira no papel de Alice no 2.º acto  
(Cliché VASQUES).

# VIDA ≈ COLONIAL



A historia do leão d'Androdo não é tão fabulosa como parece. Eis o que se pôde afirmar diante das photographias que publicamos e onde se vê como os animaes mais ferozes

se mostram por vezes no convívio do homem que os souber conduzir a essa abdição da força pela energia da sua soberana vontade.



1—O capitão sr. Arthur de Moraes e o seu leão.—(Clichê do CAPITÃO SR. MARIO DIAS)  
2—Velhos amigos.—(Clichê do CAPITÃO SR. ARTHUR DE MORAES)



1—A grande partida de xadrez iniciada na noite de sabbado, 12 de fevereiro, na sala Luiz XV do Gremio Litterario



## O CULTO DA ARVORE

2, 3 e 4 — Os alumnos dos lyceus Maria Pia, Lapa e Camões plantando as arvoresno largo do Matadouro

(Clichés BENSOLLEI).

# O CHANTECLER



1—Edmond Rostand na sua villa  
de Cambô  
(Cliché da WORLD'S GRAPHIC PRESS)  
2—A actriz SIMONE SA POULE  
Faisane,  
(Desenho de DE DELLENOUES, cliché  
de DELIUS)

*Chantecler* é o poema da fé, como *Les Oiseaux* d'Aristophanes, em que surgem rouxinoes maviosos, galos arteiros, cucos malevolos e toda a orchestra alada, é a satyra contundente á forma por que se governava a Grecia. Lá se fala tambem d'um gallo bem enganador este, que erguendo a sua voz antes do romper do sol fazia despertar pela noite alta a legião de trabalhadores que o maldiziam. Não tinha esse gallo a vaidosa impressão de accender o astro como o *Chantecler* de Rostand, que o ama talvez, porque o julga

filho do seu grito matinal:

*Je t'adore, Soleil! Tu mets dans l'air des voix  
Des flammes dans la source, un dieu dans le  
buisson!*

*Tu prends un arbre et tu l'apothéoses!  
O Soleil! Toi sans qui les choses  
Ne seraient-elles que ce qu'elles sont!*

O gallo que nunca deixa de acreditar no seu poder, apesar do laço que a faisão *coquette* lhe arma, é talvez a mente do auctor o symbolo gauler da sua crença de illuminar o mundo e parece anunciar que atravez de tudo deve manter sempre essa opinião.

Após os desastres que desde toar, em que começou a peça, Rostand tem soffrido, questões de familia, a morte de Coquelin, que faria o protagonista, eis a obra triumphante como um brado a echoar por toda a parte, filho, triumpho, da belleza extranha d'esse lindissimo poema. Desde a primeira scena, no pateo da herdade em que *Chantecler* domina, e em que o melo zombeteiro faz a sua caricatura

*Pour oreille, ô Saisons! Un petit haricot  
Çu y est: c'est un coq!*

até essa soberba ode ao sol, o espectador sente-se preso n'aquellas torrentes de harmonia. E' o que diz a imprensa universal, applaudindo o glorioso poeta que tornou *Cyrano de Bergerac* um no-



me immortal, que fez vibrar a alma franceza com o *Aiglon* evocador e edificou sobre o rochedo de Cambó um palácio de maravilhas.

Depois o encanto continua com a chegada da faisão galante, com esse *flirt* doce em que a femca sonha a conquista d'aquelle rei do galinheiro e vem o confrangimento com a chegada das aves da treva, os conspiradores que buscam derrubar *Chantecler*, para esse acto acabar n'uma ma-  
viosidade.

*Je commence à l'aimer*

diz a faisão.

Na orla da floresta, n'esse segundo acto, é ainda a conspiração dos noctivagos, das corujas e dos mochos, d'essas aves que pairam sobre os cy-  
prestes e é ainda a soberbia do gallo, partindo, atravez de tudo, para a sua entrevista com a faisão, dizendo que vai cantar para o sol brilhar em toda a sua magestade. Então, não se ouve mais nada que a voz do actor, atirando essa ode de maravilha que ficará como um dos mais bellos trechos da original e pura poesia franceza.

Mas a *coquette* faisão quer com a sua vaidade feminina mostrar-lhe o seu engano, dizer-lhe que não é elle quem faz brilhar o lindo astro das manhãs, aquelle que faz um *estandarte d'un esfregão a enxugar* e guarda-o com sigilo, prende-o nas suas bellezas, domina-o e encanta-o, com a voz de rouxinol, para que ao despertar veja já no espaço o



1—O actor Guitry no papel de *Chantecler*  
2—Uma parodia ao *Chantecler* em scena no theatro de Ba-ta-clan.  
(Clichés da WORLD'S GRAPHIC PRESS)



sol fazendo scintillar as aguas, alargando as sombras das arvores, dando luz aos seixos dos regatos, dourando as pennas das aves, tudo para que elle repare no seu erro e mais se deixo prender ainda no seu amor. Um tiro de espingarda mata o rouxinol; a sua voz melodiosa, que encantara *Chantecler*, extingue-se, e elle entra a lamentar generosamente o pobresito, enquanto com perfidia a farsa o embala para que não pense na luz. O astro brilha, o gallo fica admirado de faltar á sua missão e quando ella julga tel-o elucidado, *Chantecler* declara que se o sol se ergueu é porque estava ainda no ar o echo do seu canto do dia antecedente. E assim, n'um scenario original, com os versos lapidares do primeiro poeta do seu tempo, o theatro francez acaba de recoller mais uma obra prima.



1—O theatro da Port-Saint-Martin onde está em scena o *Chantecler*

2—O *Chantecler* no carnaval de Nice

(Clichés de CHARLES DELUS)

· O · BAILE · INFANTIL · DO ·  
· THEATRO · D · MARIA ·



Entre os divertimentos de carnaval, os bailes infantis tem o primeiro lugar, porque a gentileza dos mascarados, os tra-

jos, por vezes originalissimos, dizendo bem com as suas figuritas, cuidados e ricos, tornam encantadoras essas reuniões.



Foi assim o baile de segunda-feira gorda, no theatro de D. Maria, onde se apresentaram pequenitos vestidos a capricho, alguns d'uma forma rigorosamente historica, outros com fatos cheios de garridice, a fazerem realçar as suas natuaes graças, saltando e rindo com a jovialidade propria da infancia.

(Clichés BENOJEL)

## UMA EXCURSÃO À SERRA DA ARRABIDA

Na tarde de 21 de janeiro ultimo, os alumnos do Curso Superior de Lettras, sob a direcção do sr. dr. Silva Telles e acompanhados do sr. dr. José Maria Rodrigues, embarcaram na estação do Terreiro do Paço com destino á serra da Arrabida, naturalmente indicada para inicio de estudos praticos de geographia genetica, não só pela diversidade dos seus phenomenos morphologicos, como tambem pela curta distancia a que fica de Lisboa.

Approximava-se a noite quando o vapor soltou o ultimo silvo, pondo-se em movimento ao som monotono da helice, e, enquanto caminha até ao meio do rio, myriades de luzes vão surgindo nas encostas dos montes e extensos valles por onde Lisboa corre, descobrindo-se finalmente toda a extensão luminosa, d'um effeito maravilhoso e phantastico! Mas, á medi-



1—Dr. Silva Telles, lente de Geographia do Curso Superior de Lettras. 2—A Torre do Outão. 3—Commissão executiva da Associação do Curso Superior de Lettras. Da esquerda para a direita, no primeiro plano: srs. Cerveira Amaral, Gomes Pereira, dr. Avelino Rodrigues, Pedro Fazenda. No segundo plano: srs. Marques da Silva, Damião Peres e Paixão.

da que nos distanciamos, rareiam e enfraquecem, confundindo-se depois n'um unico reflexo, que pouco a pouco se esbate até extinguir-se no clarão da lua.

Conversavamos animadamente no tombadilho, quando de repente uma voz forte exclama: O cometa! Era o Amaral, apontando para Drake, que se desenhava lá ao longe, minusculo e brilhante... E todos os passageiros, amontoando-se, tentavam avistal-o n'uma curiosidade ansiosa e irreprimivel.

Entretanto aprovamos ao Barreiro e tomamos logo comboio em direcção ao Pinhal Novo; d'aqui, após curta demora, seguimos para Setubal, em cuja estação nos esperavam alguns professores do lyceu e grande numero de estudantes, a afirmar mais uma vez, pelo entusiasmo e galhardia, quanto vale a alma academica. E trocando ruidosos vivas, marchamos juntamente até ao hotel Esperança.

Altas horas da noite, pelas ruas da cidade, as cordas d'uma guitarra gemiam em blandicias de bohemia apaixonada as notas de um choradinho... E cabecinhas desgrenhadas sobresaíam das janellas surratamente abertas, para deliciar-se n'aquella escuridão discreta, ouvindo quadras saudosas que a voz do trovador repassava de sentimento e tentação...

Era a alma nacional desperta pela voz da sua mais fiel interprete!

Cedo, muito cedo ainda, mal despon-tava o dia, já todos estavam na praia, aguardando o momento do embarque. Um vapor pequeno e um barco a gazolina para transportar-nos á serra da Arrabida.

Já então o sol dourava os predios e parecia acordar o rio, que levemente estremecia em crispações suaves, como se se espreguiçasse mal disposto ainda d'um somno prolongado. Rio acima, n'um dos barcos, o dr. Silva Telles preleccionava sobre as divagações do Sado, phenomenos de torsão, tectonicos, de accumulção, e todas as differentes causas e effeitos dos variadissimos aspectos da serra, que do rio



e Oceano se disfructam. No outro barco, o dr. José Maria Rodrigues fazia a narração historica da cidade e da serra, matizando-a de anedotas interessantes, que provocavam hilariante alegria, e em que foi profuso durante toda a excursão.

Quasi junto da foz, surprehendeu-nos o chalet do conde d'Armand, erguido n'um rochedo e debruçando-se para as aguas, loução e alvo, como se fôra feito da espuma d'ellas, rendilhado e exotico, *maquette* de jaspé, que a mão caprichosa d'uma fada confiou á guarda de Neptuno!

Pouco depois passavamos o Outão e nas janellas do Sanatorio apparecem grupos de creanças, levantando os bracinhos delicados, n'uma saudação alegre e commovente! Nunca a caridade nos pareceu tão bella como na apparição d'aquellas creaturinhas arrancadas aos tormentos da mizeria e da doença. Entravamos agora no Oceano, cujas aguas transparentes e aniladas deixam vêr o fundo arenoso, onde de vez em quando ha manchas negras—rochedos e plantas—que lembram os monstros marinhos, acorados em guarda de



1—Vista geral de Cezimbra. 2—Dr. José Maria Rodrigues. 3—Os excursionistas

thezouros. Além está o Portinho! grita um barqueiro—e olhando um pouco para nordeste enxergamos logo o fortim, sobre uma escarpa costal, em attitude bellica, como que em defeza do chalet que se retrahé timidamente no sopé da serra, lá ao fundo da praia-sinha... Ao saltar em terra, veiu ao nosso encontro o sr. Frederico Fernandes, providencia dos que ali aportam a demandar abrigo, como dos que ali vivem em lucta com as ondas. Conduz u-nos para junto do chalet, e, pouco depois, sentados ao ar livre e sentindo perto o marulhar das ondas, saboreavamos a famosa caldeirada, condignamente regada pelo delicioso Gaiato.

O aspecto rude das cabanas,



1—O Portinho. 2—Os srs. dr. Silva Telles, Frederico Fernandes, dr. José Maria Rodrigues e a comissão executiva da Associação do Curso Superior de Letras. 3—O Penedo da Anicha. 4—A entrada para o convento da Arrabida.

as rédes estendidas na praia, as figuras tsnadas dos pescadores, lembravam essas ilhas selvagens de que fala Julio Verne e a que o sr. Fernandes, explorador ousado, houvesse sido arrastado pela tormenta e de cujo seio arrancasse, pelos recursos da sciencia, os elementos naturaes para a conquista d'uma civilização ainda inicial. E, de facto, o explorador, só pela sua actividade, tem conseguido aproveitar aquellas extraordinarias condições geographicas, para fazer do Portinho uma encantadora paragem.

Ao meio dia tornamos a embarcar, proseguindo ao longo da costa, que em resultado de afundimentos se apresenta brusca e com fendas transversaes, denotando indicios de desmoronamentos futuros; e entre os mais frisantes phenomenos de torção salienta-se o anticlinal do Solitário, no cimo do qual Alexandre Herculano concebeu e porventura produziu a sua obra mais querida,



variadas. Vinha perto a noite quando atravessámos o valle do Solitário, coberto quasi todo d'arvoredo espesso e copado, caminhando a um de fundo na vereda estreita e tortuosa, e só a cadencia monotonos dos nossos passos quebrava o silencio profundo d'aquella solidão. Percorremos ainda uns 2 kilometros e era já noite quando chegámos ao Portinho.

Depois de jantar, par-



o seu poema, o Eurico.

A' uma hora e meia da tarde desembarcamos em Cezimbra, que atravessamos em direcção ao castello edificadno ao alto do monte, que domina por um lado o extenso valle onde assenta a aldeia de Sant'Anna e por outro Cezimbra e a sua linda bahia azulada e tranquilla. Descemos pela vertente sul e contornando a serra do Risco, pronunciadamente sedimentar; internamos na da Arrabida, abundante em vegetação de especies



1—A fenda de Alpertuche.  
2—Os excursionistas em Cezimbra.  
3—No Cahau do Risco.

timos para junto da casa do sr. dr. Fernandes Costa, ao lado da qual fica o vasto pavilhão aonde nós todos, rapazes, pernottamos.

A noite estava serena, quasi como uma noite de verão!—e a lua transparente illuminava o perfil correcto, de pequenas sinuosidades, e quasi todo horizontal d'aquella parte da serra. N'uma improvisada serenata, a voz do Faria, melodiosa e cheia, atrava pelo espaço balladas tristes...

Era a nota academica vibrada



400 metros d'altitude, caminhando com certa dificuldade.

Não ha vereda alguma e precisamos passar sobre plantas rasteiras, agarrados ao solo em absoluta continuidade. Do Alto do Formosinho descobre se um panorama vasto, surpreendente:

O Sado a banhar Setubal e fugindo logo n'uma curva rapida para o sul. Mais além as serras de Grandola e do Cercal, mal definidas, como uma sombra fugidia. E a linha das aguas a confundir-se com o ceu no horizonte longinquo. O cabo Espichel,

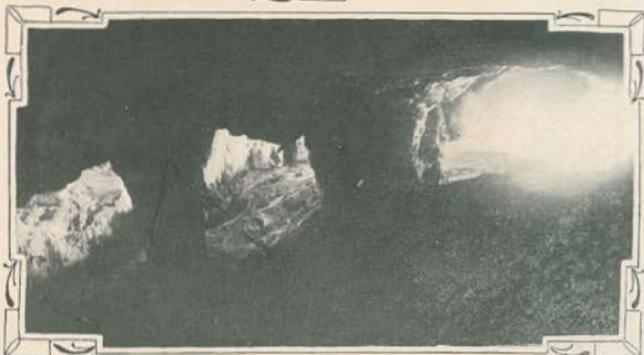
em plena natureza! Lá em baixo, a melopéa do mar!...

Despontava o dia n'uma graduação suave, aivando as *silhouettes* das arvores e os perfis dos montes, quando desce-mos para a Lapa de Santa Margarida. E' uma gruta extensa, com o tecto bordado de stalactites, como se fôsem pingentes de crystal que a mão delicada do artista houvesse modelado na sala d'um rajah. Uma infinidade de conchas e seixosinhos dispersos pela areia; e a entrada para o mar, bifurcando-se, é defendida por um enorme rochedo, especie de dragão, onde as aguas veem roçar-se indolentes e murmurantes.

Regressamos ao Portinho para almoçar; e, descrevendo uma enorme curva, visitamos as ruinas do Convento Velho e a capella da Senhora da Memoria, cujo apparecimento ali é affirmado com a mais singela crença pelos camponezes da região. Seguindo a direcção das capellinhas representando os Passos de Jesus e que alvejam no fundo da serra, chegamos ao convento da Arrabida.

Na parede, junto ao portão d'entrada, ha uma figura de franciscano com um cadeado na bocca, symbolisando o silencio que era mister haver dentro da ordem. Acima de tudo salvar a honra do convento...

Refeitos d'energia, continuamos a ascensão para o ponto mais elevado da serra, o Formosinho, a



o castello de Cezimbra e Lisboa, magestosa e garrida, com as mil scintillações dos seus vitraes, provocadas pelo dardejar do sol; o estuario do Tejo, que se perde pela terra fóra, rodeado de povoações alegres; e, entre os dois rios, o vasto condado de Palma, semeado de casitas brancas.

E' d'ali que se notam mais facilmente as diferenças caracteristicas das unidades morfologicas. A par dos relevos de causas estruturales, anticlinaes e synclinaes, desnudados e rudes, de aspecto duro, inconfundivel, vemos os relevos e planicies d'accumulação na sua fórma indolente, frouxa, com indicios mais pronunciados de desmo- onamentos pelos agentes erosivos.

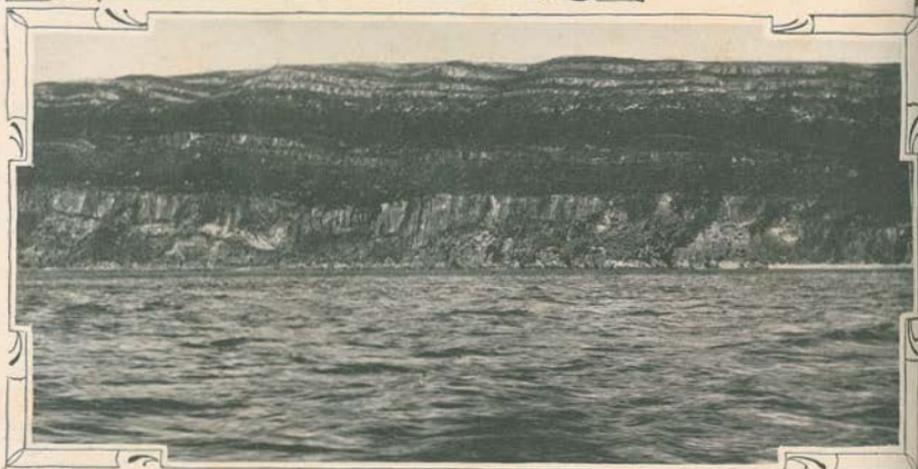
No percurso da zona que vae do Alto do Formosinho ao Alto da Cas-

1—A gruta de Santa Margarida  
2—Outro aspecto das galerias da gruta de Santa Margarida.  
3—O almoço no Portinho.



ra Azeitão, onde eramos es-  
perados pelo sr. dr. Fernandes  
Costa e filhos, em casa do pro-  
prietario dos grandes armazens  
sr. José Antonio Fernandes,  
que nos mandou servir um abun-  
dantissimo lunch. Soubemos, en-  
tão, que o habitante do Porti-  
nho, sr. Frederico Fernandes,  
irmão d'este grande viticultor,  
fôra ha 44 annos declarado tu-  
berculoso, em ultimo periodo,  
pelos mais afamados medicos da  
capital. Pois bem: refugiou-se  
na Arrabida, eremita do Porti-  
nho, e tem gosado uma existencia  
remançosa atravez de perto  
de meio seculo.

Os poderes publicos não  
poderiam fazer, simultanea-



calheira, o dr.  
Silva Telles, in-  
cansavel como  
sempre, fez-nos  
examinar minuciosamente to-  
das as feições  
geographicas.

Descemos  
pela matta da  
Confeitaria,  
cuja denomina-  
ção deriva da  
configuração  
das pedras, se-  
melhantes a  
confeitos, que  
rolam sob os  
nossos pés.  
Atravessamos  
o valle da Pi-  
cheleira, corta-  
do de regatos,  
e seguimos pa-



mente, da Ar-  
rabida uma en-  
cantadora pa-  
ragem de *ter-  
ristes* e uma  
optima estação  
para conva-  
lescentes, dando  
razão ao dito  
de Chodat?

— Se tivés-  
semos uma Ar-  
rabida na Suis-  
sa, ganharía-  
mos milhões.

PEDRO  
FAZENDA.



1—Um predio em Cezimbra.  
2—Um aspecto interessante da serra.  
(Photographia tirada em frente do Alto do Poço do Cortico)  
3—A serra nas proximidades do Portinho.